

**O PROGRAMA “FÊMEA” NA IMPRENSA BAIANA:  
FILOLOGIA, ACERVO E MEMÓRIA**

*Andressa Barreto Silva* (UFBA)  
[barreto\\_andressa1@hotmail.com](mailto:barreto_andressa1@hotmail.com)

*Débora de Souza* (UFBA)  
[deboras\\_23@yahoo.com.br](mailto:deboras_23@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Almejamos neste trabalho tecer uma leitura crítico-filológica acerca do “Fêmea”, programa exibido pela TV Educativa da Bahia, na década de 1980, do qual a artista baiana Nivalda Costa participou como roteirista, diretora, coautora e apresentadora. No âmbito da Filologia, em sua relação, sobretudo, com a Sociologia dos Textos, a Arquivologia e a História Cultural, para construir a história do “Fêmea” e suplementar a massa documental que constitui o Acervo Nivalda Costa, parte do Arquivo Textos Teatrais Censurados, vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, buscamos realizar diferentes atividades de pesquisa documental, no setor de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia; de digitalização, identificação e catalogação de matérias de jornais; e de estudo crítico-filológico. Em um exercício de leitura ética e política, temos reunido subsídios para dar a conhecer o “Fêmea”, e, por conseguinte, atuar no processo de (re)construção da história e da memória do povo baiano.

**Palavras-chave:**

Filologia. Programa “Fêmea”. Acervo Nivalda Costa

**ABSTRACT**

In this work, we aim to weave a critical-philological reading about “Fêmea”, a program broadcast by TV Educativa da Bahia, in the 1980s, in which the Bahian artist Nivalda Costa took part as scriptwriter, director, co-author and presenter. In the field of Philology, in particular concerning the Sociology of Texts, Archivology and Cultural History, in order to build the history of Fêmea and supplement the documental mass that constitutes Nivalda Costa Collection, a part of the Censored Theater Texts Archive, linked to the Institute of Letters of the Federal University of Bahia, we seek to carry out different activities of documental research, in the periodical section of the Public Library of the State of Bahia; of digitization, identification and cataloging of newspaper articles; and of critical-philological study. In a practice of ethical and political reading, we have gathered subsidies to make “Fêmea” known, and, therefore, to act in the process of (re)construction of the history and memory of the Bahian people.

**Keywords:**

Philology. “Fêmea” program. Nivalda Costa collection.

## 1. Introdução

Propomos, neste trabalho, apresentar uma leitura crítico-filológica acerca do “Fêmea”, programa exibido pela TV Educativa da Bahia (TVE Ba), na década de 1980, do qual a artista baiana Nivalda Silva Costa (04 de maio de 1952 – 09 de julho de 2016) participou. Tomamos, para tanto, recortes de jornais pesquisados durante o desenvolvimento do Plano de trabalho intitulado *Afro-Memória e Fêmea no Acervo Nivalda Costa: pesquisa documental e estudo crítico-filológico*<sup>67</sup>, no âmbito do Projeto *Edição e Estudo crítico-filológico de textos de escritoras e escritores baianos*, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Débora de Souza (UFBA), parte dos estudos empreendidos no Grupo de pesquisa Nova Studia Philologica, Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Borges (UFBA).

Orientamos nosso fazer acadêmico-científico, como mediador editorial, intérprete e crítico, valendo-nos dos pressupostos teóricos da Filologia/Crítica Textual, em uma vertente editorial pragmática (Cf. KASTAN, 2001), na relação com outros saberes, principalmente com a Sociologia dos Textos, investindo em uma concepção mais ampla de texto, a Arquivologia, adotando uma abordagem sociológica do arquivo, e a História Cultural, repensando noções de história, cultura, documento, memória, representação, apropriação e poder.

Nesse exercício de leitura ética e política, que nos permite fornecer subsídios para dar a conhecer o “Fêmea”, suplementar a massa documental que constitui o Acervo Nivalda Costa (ANC), um dos acervos virtuais que compõem o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC), vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e, por conseguinte, atuar no processo de (re)construção da história e da memória do povo baiano, temos realizado atividades de (i) digitalização, identificação e catalogação de matérias de jornais pesquisadas no setor de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB) e (ii) estudo crítico-filológico do material reunido.

---

<sup>67</sup> Pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFBA) pela estudante Andressa Barreto Silva, no período de 01 de setembro de 2021 a 30 de agosto de 2022, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

## **2. Filologia, arquivologia e história cultural em relação: nos bastidores do acervo nivalda costa**

Filologia Textual, em sentido estrito, pode ser compreendida como “(...) um feixe de práticas de leitura, interpretação e edição que, a um só tempo, consideram como objeto, de modo indissociável, **língua, texto e cultura**” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 21, grifo do autor). Nesse lugar teórico, realizamos uma crítica do texto, “(...) concebida (...) como espaço de produção histórica, linguística, sócio-cultural e política (...)” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 47), que se faz na interação entre diversos saberes.

Concentramos nosso trabalho na investigação do texto, em seus aspectos materiais e históricos, enquanto patrimônio cultural escrito de determinada sociedade, por meio das atividades de edição de textos e crítica filológica. Buscamos (re)construir a história do texto, conhecer seus processos de produção, transmissão e recepção, os sujeitos mediadores envolvidos nesses contextos, os movimentos sociais e históricos que atravessam a produção, a rede de sociabilidade dos(as) autores(as), as práticas culturais de leitura e escrita etc.

Estudamos o texto na relação com outros documentos do(s) acervo(s), da tradição direta e indireta, em uma leitura ativa (SAID, 2007 [2004], p. 82), que “(...) implica adentrar no processo da linguagem já em funcionamento nas palavras e fazer com que revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado ou distorcido (...)” (SAID, 2007 [2004], p. 82). O texto é processo, produto e evento social (McGANN, 1983; MCKENZIE, 2005 [1991]), “(...) um centro provisório, um testemunho posto em evidência, não por privilégio ou merecimento, mas por estratégia de leitura e crítica” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 23).

Como documento/testemunho de um lugar e de uma época, que, após o crivo do pesquisador, pode vir a tornar-se monumento e remeter ao passado (LE GOFF, 1990a), “(...) [o] texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica” (SPINA, 1977, p. 77), propiciando o (re)conhecimento de documentos e sujeitos, a revisão de narrativas e de discursos, a atualização da memória de um povo.

Para tanto, investimos em uma abordagem dialógica, conforme especificidade do objeto de estudo e propósito do pesquisador. No nosso estudo, visando construir, ler e interpretar documentos do ANC-ATTC, tecemos uma relação entre Filologia e outros saberes, dentre os quais destacamos a Sociologia dos Textos, a Arquivologia e a História Cultu-

ral.

Em uma perspectiva sociológica, atravessada por problematizações feitas, principalmente, por Foucault e Derrida, adotamos “arquivo” “(...) como metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder; como construto político que produz e controla a informação, orientando a lembrança e o esquecimento (...)” (HEYMANN, 2012, p. 24). Entendemos “acervo” como um “(...) conjunto de documentos em papel ou em objetos que testemunham a vida e a obra de um escritor (...)” (BORDINI, 2012, p. 119), “(...) vestígios de um processo criativo, de condições de produção e recepção, de peculiaridades de vidas humanas tornadas texto, ameaçados pelo fluir da História (...)” (BORDINI, 2012, p. 119).

Pensamos “história”, “cultura” e “documento” a partir da Nova História Cultural, corrente historiográfica surgida nos anos 1970, que reivindicou a renovação de todo o campo da história, empreendendo críticas tanto às noções de “fato” e de “documento” quanto à função social do historiador, sujeito que constrói o objeto histórico, voltando-se para uma multiplicidade de documentos até então desprezados, ignorados, documentos de todos os homens, de todas as culturas (Cf. LE GOFF, 1990b).

Interessa, nessa abordagem, a partir de tais documentos, “(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002 [1982], p. 16-17), bem como a atuação dos sujeitos produtores, mediadores e receptores envolvidos. Comunicação, representação, prática e apropriação, atravessadas pela noção de poder, constituem a base dessa perspectiva histórico-cultural.

O pesquisador filólogo participa do processo de representação do mundo na seleção, na edição e no estudo de textos, atuando na difusão de documentos e produção de sentidos. A materialidade do texto/documento é alterada ao longo do processo de transmissão, havendo apagamento e produção de sentidos, em uma sobreposição de camadas que (re)orientam a construção de leituras (Cf. CHARTIER, 2002); isso ocorre principalmente na era digital, em que se configuram novas formas de textualidade, virtuais, digitais e digitalizadas.

Nesse sentido, temos trabalhado na construção e na organização do ANC-ATTC e no estudo crítico-filológico dos documentos ali reunidos. O acervo conta com mais de trezentos documentos digitalizados (contos, poemas, textos teatrais, matérias de jornal, documentos da Cen-

sura, dentre outros), provenientes de diferentes arquivos e instituições de guarda (Cf. SOUZA, 2019), referentes à produção intelectual da artista, dramaturga e diretora baiana Nivalda Costa, mulher negra que atuou de forma significativa no teatro, na literatura e na televisão, sobretudo no período de 1970 a 1990.

No campo da televisão, destacamos a participação de Nivalda Costa no programa televisivo *Fêmea*, produzido pela TVE Ba, na década de 1980, em âmbito local. Em um momento de entrevista a membros da ETTC, Nivalda Costa disponibilizou, para consulta e digitalização, um recorte de jornal acerca do referido programa, datado de 1987, conservado em seu arquivo pessoal (Cf. SOUZA, 2012).

Nesse recorte de jornal encontramos uma matéria com informações sobre o “Fêmea” e a participação de Nivalda Costa como uma das diretoras do programa (Cf. DANTAS, 1987a), o que orienta leituras acerca da representatividade daquela mulher na produção televisiva local, na sociedade e nos movimentos sociais das décadas de 1980 e 1990. Nessa matéria, que integra a coluna assinada por Marcelo Dantas, parte da seção “Televisão”, constrói-se uma imagem de Nivalda Costa como intelectual e mediadora cultural, por meio do cruzamento entre as linguagens visual e verbal. O recorte encontra-se colado em uma folha de ofício na qual há inscrições manuscritas autorais, à caneta esferográfica, em tinta preta, quanto à data, “Dez 1987”, e ao nome do veículo de divulgação, “Jornal da Bahia” (Cf. SOUZA, 2019).

Para construir um conhecimento sobre o programa, considerando sobremaneira a atuação de Nivalda Costa, e suplementar a massa documental que constitui o ANC-ATTC, no que tange a essa produção, temos realizado, de acordo com o supracitado plano de trabalho de Iniciação Científica, as atividades de:

a) leitura, fichamento e discussão de textos referentes à Filologia e a outros conhecimentos postos em interação;

b) pesquisa no setor de periódicos da BPEB<sup>68</sup> acerca do “Fêmea”, consultando os jornais<sup>69</sup> *Tribuna da Bahia*, *Jornal da Bahia*, *A Tarde* e

---

<sup>68</sup> Buscamos também realizar pesquisa no acervo da TVE Ba, contudo, conforme o Centro de Documentação (CEDOC) da instituição, não há naquele espaço documento/registo acerca do programa “Fêmea”.

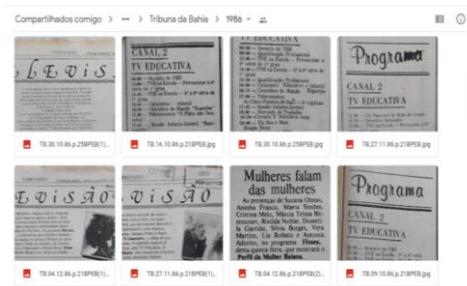
<sup>69</sup> Muitos jornais conversados no acervo da BPEB apresentam desgaste devido à ação do tempo e às formas de conversação e manuseio dos mesmos. Há danificações e fissuras

Diário de Notícias, dos anos de 1985, 1986 e 1987;

c) digitalização das matérias e roteiros de divulgação/programação encontrados, textos de imprensa sobre o programa e suas repercussões na sociedade baiana;

d) sistematização do material digitalizado em uma pasta de arquivo no Google Drive (Cf. Figura 1), identificando nome do jornal (Tribuna da Bahia (TB)), data de publicação (dia, mês e ano), página (p.) e acervo de proveniência, por exemplo, TB.30.10.86.p.25BPEB, para posterior catalogação por série e subsérie, produção de ficha-catálogo, conforme organização proposta para os acervos do ATTC (Cf. SANTOS, R. 2018), e inserção de tais documentos no ANC-ATTC.

Figura 1: Pasta de arquivos no *Google drive*.



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

Além disso, confeccionamos um quadro esquemático para registro de contatos dos profissionais envolvidos na produção do programa, a partir da consulta aos periódicos e pesquisa em sites e redes sociais, visando, posteriormente, a realização de entrevista.

### ***2.1. O programa *Fêmea* na imprensa baiana: por uma leitura crítico-filológica***

Produzido e apresentado pela TVE Bahia, às 22h20min, durante as quintas-feiras, o programa televisivo *Fêmea* estreou na emissora baiana no dia 06 de março de 1986 (TV EDUCATIVA, 1986). Durante os primeiros meses de sua exibição, de março a junho do referido ano, a

---

oriundas do ressecamento do suporte, marcas de grampos, manchas e corrosões, e documentos incompletos, faltando páginas.

produção semanal era reprisada aos sábados à tarde, às 13h30min (TVE ALTERA..., 1986). Em seus seis quadros, o programa promovia espaços para reportagens e fomentava discussões de variados temas e assuntos concernentes à mulher (MULHERES..., 1986), em perspectiva social, cultural e política.

Em relação aos quadros, em “Mulher do povo”, abordavam-se profissões ocupadas por mulheres, dentro e fora de casa, sua participação no mercado de trabalho e a concorrência com os homens; em “O homem comanda”, tinha-se um quadro culinário em que homens elaboravam especialidades na cozinha; em “Comportamento”, promoviam-se discussões concernentes, sobretudo, a moda, estilo e trajeito femininos; em “SOS Corpo”, focava-se na saúde da mulher; “Em Pauta”, tinha-se um espaço dedicado à discussão e ao debate de questões pertencentes a diversas esferas, envolvendo mulheres e homens; em “Anti-Cinderela”, realizavam-se entrevista e homenageavam-se personalidades femininas (A ESTREIA..., 1986; FÊMEA..., 1986).

A atração local, cuja proposta era “(...) veicular assuntos de interesse da mulher e da comunidade em geral, confrontar opiniões de homens e mulheres, com debates e entrevistas” (A ESTREIA..., 1986, p. 3), durante seu primeiro ano de exibição, sofreu duras críticas da imprensa da época, não sendo avaliada como uma “boa opção para as noites de quinta-feira” (FÊMEA II..., 1986, p. 11). Entretanto, os críticos recomendavam-no e atestavam a sua relevância devido ao “(...) grande esforço da produção e da apresentadora Marlene Cury, em mostrar a realidade da terra” (FÊMEA II..., 1986, p. 11). A equipe de produção era composta por Bete Marques e Maria Rivas, participavam da direção Deolindo Checcucci (OS SEGREDOS..., 1986) e Nivalda Costa (Cf. DANTAS, 1987a), que também atuou como coautora (Cf. PINHEIRO, 1986).

Entre os meses de janeiro e fevereiro de 1987, o “Fêmea” apresentou retrospectivas de momentos marcantes do programa, com depoimentos, entrevistas e cenas sempre centrados na figura feminina (Cf. DANTAS, 1987b). Entre os conteúdos reprisados, tinham-se as entrevistas com mulheres de destaque na Bahia, à época, como a cantora e criadora do Troféu Caymmi, Marilda Santana; a então Deputada Federal, eleita pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Lídice da Mata; a advogada dos direitos humanos, Ronilda Noblat; Dona Canô, mãe de Caetano Veloso e Maria Bethânia; Dona Lúcia Rocha, mãe de Glauber Rocha, além de personalidades reconhecidas nacionalmente, como a escritora Zélia Gattai e as atrizes Fernanda Montenegro, Irene Ravache, Bibi Ferreira e

Dercy Gonçalves (Cf. DANTAS, 1987c; TELEVISÃO, 1987).

Encerrando o ciclo de reapresentações, em 19 de fevereiro de 1987, o programa faz a sua (re)estreia em uma nova fase que, de acordo com o crítico Marcelo Dantas (1987e, p. 13), “[foi] mais dinâmica e até experimental, com vários quadros abordando assuntos diversos e linguagens diferentes”. Após passar por essa reformulação geral, o “Fêmea” foi se firmando como a mais instigante e criativa produção da televisão local, com a valorização de talentos emergentes na Bahia (Cf. DANTAS, 1987a).

Nessa nova fase, com direção geral de Deolindo Checucci, produção de Maria Rivas e roteiro final de Nivalda Costa (Cf. DANTAS, 1987c), a mudança mais perceptível no projeto foi em relação a sua estrutura, que passou a ser composta por um novo esquema de quadros independentes, com características próprias e temáticas variadas, mas que, de algum modo, estavam sempre ligados à mulher (Cf. DANTAS, 1987c; 1987a).

Tinham-se os seguintes quadros: Mulheres de TV, em que se realizavam entrevistas com profissionais da televisão baiana; Estranha Lucidez, eram apresentadas reportagens sobre o dia a dia da cidade de Salvador; Fêmea Arte, com espaço dedicado à exibição do trabalho de mulheres na Bahia e suas expressivas contribuições às artes plásticas; Momento arco-íris, com foco no talento de artistas locais; além dos quadros O que elas querem saber deles, Clip Moda e Cordel Urbano (Cf. DANTAS, 1987a; 1987e; 1987f). Para cada um desses quadros, responsáveis por mostrar as “(...) facetas diferentes e versões originais da equipe que realiza[va] o programa” (DANTAS, 1987a, p. 13), tinha-se um apresentador diferente, entre eles, Deolindo Checucci, Marlene Cury, Mércia Queiroz, Nivalda Costa, Raimundo Chagas e Valber Carneiro (Cf. DANTAS, 1987b; 1987c).

Dois meses depois de sua reestreia, embora recomendado pela crítica jornalística, o “Fêmea” foi tirado do ar em abril de 1987. Seu cancelamento se deu devido à implantação de uma nova gestão na TVE Bahia (EM CENA..., 1987), que incorporou mudanças na programação da emissora, dando destaque a programas ao vivo para que, dessa forma, os telespectadores pudessem participar ativamente dos debates, através de telefonemas ou assistindo à realização ao vivo (Cf. COMPROVANDO..., 1987).

A TVE Bahia, emissora responsável pela produção e exibição do

*Fêmea*, faz parte da estrutura do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB), local onde Nivalda Costa trabalhou entre os anos 1985 e 1992 (COSTA, 2014), vinculado à Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Inaugurada em 09 de novembro de 1985, a TVE Bahia é uma emissora com finalidade pública de promover a cultura local, para além de suas funções educacionais. Leiamos:

A TVE trará aos baianos uma novidade: ao invés de anúncios comerciais, vai apresentar, no intervalo da programação, clips literários com poetas, escritores e artistas baianos e vinhetas sobre locais da cidade, a exemplo do que já é feito na Rádio Educadora. Carlos Alberto Simões explica que, com a inauguração da TV Educativa, o Irdeb completa o projeto de ser o maior centro de tecnologia educacional do país. (IRDEB mostra..., 1985, p 5)

Destacamos o compromisso da emissora com a educação, formação, dos telespectadores, bem como sua dedicação em promover a cultura local. Desde a inauguração, a proposta da TVE Ba tem sido priorizar os setores da arte, cultura, serviços e os principais fatos que marcaram o dia a dia de Salvador, criando documentários, reportagens especiais, produções didáticas e coberturas jornalísticas, com o propósito de reconhecer e divulgar o talento dos artistas baianos e a cultura local (TV EDUCATIVA..., 1985). Segundo Carlos Alberto Simões que foi, na época, diretor-executivo do IRDEB e responsável pela implantação da TV Educativa na Ba, instruir/educar a comunidade seria papel principal dos meios de comunicação.

De acordo com Simões (1985),

'[a] comunicação pode ser um instrumento de legitimação de estruturas sociais e de governos, como também a força que os contesta e os transforma. Ela pode ser o veículo de auto-expressão e de relacionamento das pessoas, mas também pode ser sutil recurso de opressão psicológica e moral. Através da comunicação a humanidade luta, sonha, cria, beleza, chora, ama'. (SIMÕES, 1985, p. 19)

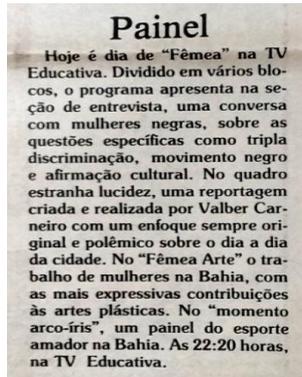
Essa perspectiva de Simões (1985), atrelada aos interesses da TVE Ba, coaduna com pressupostos ideológicos de Nivalda Costa. Ambos enxergavam a informação e a cultura como ferramenta para difundir saberes e transformar seres humanos. Conforme Souza (2019), nos documentos reunidos no ANC,

[...] há indícios de um trabalho social e político de validação da arte e da cultura, empreendido por Nivalda Costa, por meio de estudos e pesquisas, como principal procedimento de luta social, como prática de cidadania, de um projeto inscrito na sua trajetória, de natureza micropolítica, direcionado às camadas populares. (SOUZA, 2019, p. 214)

Ao atuar no “Fêmea”, como diretora, coautora, roteirista e apresentadora, Nivalda Costa fomentou espaços diversificados para discussões e práticas de conhecimento, construindo saberes e incitando ações, na década de 1980. No programa “Fêmea”, promoveram-se pautas, discussões, reflexões referentes à mulher, relacionadas a aspectos sociais, culturais, econômicos, raciais, étnicos etc., contribuindo para a formação de uma racionalidade e sensibilidade mais ampla do povo baiano.

Em um dos blocos do programa exibido no dia 06 de abril de 1987 (Cf. Figura 2), promoveu-se “uma conversa com mulheres negras, sobre as questões específicas como a tripla discriminação, movimento negro e afirmação cultural” (DANTAS, 1987f).

Figura 2: Recorte do *Jornal da Bahia* sobre o programa “Fêmea”.



Fonte: Dantas, 16 abr. 1987, p. 13. Acervo da BPEB.

Nivalda Costa evidenciou, em diferentes momentos, que a sua luta era contra as relações desiguais de poder e de desrespeito aos direitos humanos, contra toda e qualquer forma de desigualdade manifestada na sociedade, tendo em conta o inerente enlace entre as instâncias étnico-racial, sexual, de gênero, econômica, social, cultural e política (Cf. SOUZA, 2019). A sua atuação no “Fêmea” é mais um testemunho do seu compromisso e envolvimento na luta a favor da igualdade de direitos entre os seres humanos, neste caso, em especial, de gênero.

Em uma matéria de jornal datada de 1986, Nivalda Costa posiciona-se:

[c]om a mulher se dará a transformação da sociedade. Os homens já

provaram que falharam em todos os aspectos. E no futuro as grandes sociedades vão ter que irremediavelmente ficar com as mulheres. Todas as grandes conquistas dos homens, na tecnologia, informática, indústria bélica, nos remetem à morte, à destruição. A mulher não teria esse espírito belicista, esse exemplo de construção para a guerra. Com raríssimas exceções, a mulher estaria mais ligada na proposta de vida, de resolução dos problemas cruciais da humanidade. (PINHEIRO, 1986, p. 11)

De acordo com a artista, “[a] luta da mulher não é contra o homem, mas contra as ideologias machistas e o homem também é vítima dessas ideologias” (PINHEIRO, 1986, p. 11). Esse posicionamento ideológico da intelectual negra, reiterado pela visão da antropóloga quanto ao ser humano, fica explícito em suas produções artísticas, nos campos da literatura, da televisão e do teatro, nas quais proporciona um espaço de relação e de reflexão, em um discurso político e engajado.

Nivalda Costa reconhecia que a mulher negra é duplamente marginalizada e apontava a necessidade de conscientização e luta por um espaço da/na sociedade. Na supracitada matéria, ela afirmou: “[s]er mulher negra é sinônimo de ser guerreira” (PINHEIRO, 1986, p. 11), levando-nos a refletir sobre racismo, preconceito, representação, representatividade, sobre modos de ser, estar e interpretar o mundo.

Na matéria “Mulheres falam das mulheres” (Cf. Figura 3), registra-se informação sobre um debate entre mulheres, no programa *Fêmea*, a partir do qual se busca traçar o “Perfil da Mulher Baiana” (Cf. MULHERES, 1986).

Figura 3: Recorte do jornal *Tribuna da Bahia* sobre o programa *Fêmea*



Fonte: Jornal *Tribuna da Bahia*, 04 dez. 1986, p. 21. Acervo da BPEB.

Nesse movimento, diferentes mulheres, em uma roda de conversa,

falam de mulheres, ou seja, falam delas mesmas, de suas vivências, valores, vidas, provocando outros sentidos nas lutas de representações. Representação, como instrumento operatório adotado por grupos sociais, envolve condições, dispositivos e práticas em um processo de produção de sentidos, “(...) num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 2002 [1982], p. 17). “Poder” pode ser compreendido como “(...) malha de relações de exploração/dominação/conflito que se configuram entre as pessoas na disputa pelo controle do trabalho, da ‘natureza’, do sexo, da subjectividade e da autoridade” (QUIJANO, 2009, p. 100).

Esse processo está diretamente relacionado à construção do mundo social e, por conseguinte, à figuração de identidades. Os pesquisadores participam dessa configuração social quando, no estudo em e/com arquivos e acervos, com documentos de arquivo, fazem escolhas, intervenções e mediações, analisam textos, constroem discursos, propagam narrativas e atualizam sentidos.

### **3. Considerações finais**

O trabalho filológico empreendido tem-se construído no diálogo com outros saberes, sobretudo, com a Sociologia dos Textos, a Arquivologia e a História Cultural, por meio dos quais é possível desenvolver uma leitura crítico-interpretativa dos documentos reunidos no ANC e colocar em cena manifestações da cultura baiana. Dentre tais documentos, destacamos os textos de imprensa na construção da leitura apresentada, reconhecendo-os em seus aspectos materiais, linguísticos, literários, socioculturais e históricos, importantes para tecermos considerações a respeito da TVE Ba, em geral, e do programa *Fêmea*, em especial, no que tange ao projeto estético e ideológico, à recepção da crítica jornalística/televisiva e, por conseguinte, ao impacto na sociedade baiana, à época.

Por meio do “*Fêmea*”, artistas baianos criaram um espaço de discussão sobre a mulher, em perspectiva social, cultural e política, promoveram uma ação socioeducativa e cultural, possibilitando ao público pensar e problematizar questões de gênero e políticas públicas. Pesquisar textos de imprensa sobre o referido programa, reunindo subsídios para construir um conhecimento, bem como suplementar a massa documental que constitui o ANC, permite-nos atuar no processo de (re)construção da história e atualização da memória do povo baiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória. A função memorial dos acervos em tempos digitais. In: TELLES, C.M.; SANTOS, R.B. dos. (Org.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, R. et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59

CHARTIER, Roger. Morte ou transfiguração do leitor?. In: \_\_\_\_\_. *Os Desafios da escrita*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002. p. 101-23

\_\_\_\_\_. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Algés, Portugal: DiFel, 2002 [1982].

HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1990a.

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A História Nova*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990b. p. 25-64

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografía y sociología de los textos*. Trad. de Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005 [1991].

MCGANN, Jerome J. *A Critique of Modern Textual Criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M.P. (Orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 72-117

SAID, Edward. O regresso à filologia. In: \_\_\_\_\_. *Humanismo e crítica democrática*. Trad. de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007 [2004]. p. 80-109

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009.

SANTOS, Rosa Borges dos. Estudos crítico-filológicos: teorias e práticas editoriais. In: XXII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2018, *Cadernos do CNLF*, v. 22, n. 3. p. 494-503, Rio de Janeiro: CiFEFil, 2028. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xxii\\_cnlf/](http://www.filologia.org.br/xxii_cnlf/). Acesso em:

28 ago. 2021.

SOUZA, Débora de. BORGES, Rosa. História e memória das resistências negras na Bahia a partir do Acervo Nivalda Costa. *Acervo*, v. 33, n. 2, p. 208-28, Rio de Janeiro, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/>. Acesso em: 05 set. 2020.

\_\_\_\_\_. *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa*: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. 449f + volume digital. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/298> 81. Acesso em: 29 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa*: processo de construção dos textos e edição. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 251f. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8528>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.

#### Outras fontes:

A ESTREIA de “Fêmea”. *A Tarde*, Salvador, p. 3, 2 mar. 1986. Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

COMPROVANDO competência. *Tribuna da Bahia*, Salvador, p. 3, 22 abr. 1987. Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

COSTA, Nivalda Silva. *Currículo Lattes*. 06 maio 2014. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3278285296716471>. Acesso em: 13 maio 2021.

DANTAS, Marcelo. Criatividade múltipla. *Jornal da Bahia*, Salvador, 19 mar. 1987a Televisão, p. 13.

\_\_\_\_\_. Movimentação em fêmea. *Jornal da Bahia*, Salvador, 26 fev. 1987b. Televisão, p. 13.

\_\_\_\_\_. Mudando fêmea. *Jornal da Bahia*, Salvador, 5 fev. 1987c. Televisão, p. 13.

\_\_\_\_\_. Mulheres. *Jornal da Bahia*, Salvador, 29 jan. 1987d. Televisão, p. 13.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. Multifêmea. *Jornal da Bahia*, Salvador, 19 fev. 1987e. Televisão, p. 13.

\_\_\_\_\_. Painel. *Jornal da Bahia*, Salvador, 16 abr. 1987f. Televisão, p. 13.

\_\_\_\_\_. Reprise dos destaques. *Jornal da Bahia*, Salvador, 22 jan. 1987g. Televisão, p. 13.

EM CENA: a importância da arte. *Jornal da Bahia*, Salvador, 12-13 jul. 1987. Bahia na TV, p. 15.

FÊMEA e a carne. *Jornal da Bahia*, Salvador, p. 11, 9 out. 1986.

FÊMEA II. *Jornal da Bahia*, Salvador, p. 11, 20 set. 1986.

IRDEB MOSTRA programação que a TVE vai levar ao ar. *Tribuna da Bahia*, Salvador, p. 5, 8 ago. 1985.

MULHERES falam das mulheres. *Tribuna da Bahia*, Salvador, p. 21, 4 dez. 1986.

OS SEGREDOS de Irene. *Jornal da Bahia*, Salvador, p. 2, 30 jul. 1986.

PINHEIRO, Shirley. A poesia de uma guerreira. *Jornal da Bahia*, Salvador, 6 dez. 1986. Mulher, p. 11.

SIMÕES: “somente as emissoras oficiais tentam educar”. *Tribuna da Bahia*, Salvador, p. 19, 16 out. 1985.

TELEVISÃO. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 29 jan. 1987. Variedades, p. 21.

TV EDUCATIVA: uma nova opção de lazer e cultura. *Tribuna da Bahia*, Salvador, p. 24, 9 nov. 1985.

TV EDUCATIVA. *Tribuna da Bahia*, Salvador, p. 20, 6 mar. 1986. Programação.

TVE ALTERA programação. *Jornal da Bahia*, Salvador, p. 3, 8 mar. 1986.